

Gerontologia: Estado da Arte

*Vera M.A.Tordino Brandão
Elisabeth F. Mercadante
Suzana A. R.Medeiros
Flamínia M.M. Lodovici
Maria Helena Villas Bôas Concone
Ruth Gelehrter da Costa Lopes
Beltrina Côrte
Nadia Dumara Ruiz Silveira*

RESUMO: O Programa de Gerontologia da PUC desenvolve pesquisas focando o ser na perspectiva do envelhecimento. As atividades são interdisciplinares e reúnem docentes, alunos e ex-alunos. Nesta mesa redonda apresentamos um panorama sobre estes estudos. Na área da educação e comunicação o foco está centrado na longevidade e na preparação e representação social da velhice. São ressaltadas como temáticas: a formação continuada de profissionais e pesquisadores; o significado da religiosidade/espiritualidade ao longo da trajetória, e sua repercussão na qualidade de vida do idoso; os programas sócio-educacionais para idosos e concepções sobre educação; o monitoramento da mídia na cobertura da crescente longevidade e seus impactos. Em identidade e modos de morar reflete-se sobre soluções planejadas e sua adequação para a inclusão do envelhecimento populacional como questão fundamental, que implica a elaboração de novas políticas, investigações e, especialmente, apresenta-se como questão a ser analisada, refletida e vivenciada pela sociedade em geral. Quanto à saúde, o Programa desenvolve várias pesquisas numa abordagem interdisciplinar tendo como objetos de estudo: a terapia assistida com animais direcionada a idosos com diagnóstico de Alzheimer; o acompanhamento terapêutico e o atendimento psicoterapêutico em grupo, a aplicação da técnica de Calatonia em idosos moradores de ILPI, além da investigação sobre impasses clínicos no idoso frágil.

Palavras-chave: gerontologia, longevidade, envelhecimento

Gerontology: the state of art

ABSTRACT: PUC's Gerontology Program develops research focusing on the being through the aging perspective. The activities are interdisciplinary and gathers teachers, students and ex-alumni. Through this forum we present an overview regarding these studies. In the education and communication field the focus is centered in the longevity and in the preparation and social representation of old age. Following a theme it's possible to highlight: the continued training of professionals and researchers; the meaning of religiosity/spirituality through their path, and its repercussion in their quality of life; the educational programs for the elderly and concepts about education; the media monitoring of the growing longevity coverage and its impacts. In identity and ways of leaving reflects through planned solutions and its adequacy to the inclusion of the population's aging as a fundamental issue, that

implicates in the elaboration of new politics, investigations, and specially its presents itself as an issue that has to be analyzed, reflected and lived through society in general. Regarding health, the Program develops various researches through an interdisciplinary approach having as the object of study: the assist therapy with animals and elders diagnosed with Alzheimer; the therapeutic follow-up and the psychotherapeutic group care, the application of the Calatonia technique in elders residents of the ILPI, besides the investigation regarding clinical impasses of the fragile elder.

Keywords: gerontology, longevity, aging

Educação, Comunicação e Longevidade

O envelhecimento da população mundial e a crescente longevidade geraram novas demandas sociais, ressaltando-se dentre elas a pesquisa e formação continuada dos profissionais da área gerontológica, motivo da criação do Grupo de Estudos da Memória – GEM – em 2001. Composto por 15 profissionais e pesquisadores de formação disciplinar variada, egressos do projeto de formação - *Oficina Memória Autobiográfica: Teoria e Prática*, o grupo trouxe de suas práticas a questão base da pesquisa-piloto - *Memória Autobiográfica, Envelhecimento e Espiritualidade*.

O Grupo tem como objetivos elaborar uma metodologia de formação continuada em pesquisa qualitativa interdisciplinar, por meio de pesquisa-piloto; articular saberes e competências de profissionais e idosos; utilizar a memória autobiográfica na investigação sobre o significado da espiritualidade na trajetória dos idosos e seus benefícios na saúde e qualidade de vida. A metodologia adotada incluiu a fundamentação teórica, elaboração do instrumento de pesquisa, aplicação da técnica de entrevistas com gravação, transcrição e análise dos dados segundo seus conteúdos e construção coletiva do texto final.

Muitos estudos e pesquisas, especialmente na área da saúde, indicam que a religiosidade e / ou espiritualidade pode trazer benefícios na recuperação de pacientes acometidos por diferentes enfermidades e procedimentos cirúrgicos, bem como na manutenção da auto-estima e qualidade de vida no envelhecimento. Apontam também que a busca de sentido na trajetória de vida, baseado em alguma crença, parece fortalecer os indivíduos de forma plena, desde os mais ativos até os mais fragilizados.

(Baldessin, 2002; Goldstein e Sommerhalder, 2002; Monteiro, 2004, 2007; Pessini, 2004, 2005).

A atuação dos profissionais do GEM junto a idosos de faixa etária, condição sócio-econômica-cultural e graus de dependência variados, em diferentes grupos de convivência e residentes de Instituições de Longa Permanência – ILPIs revelou que a questão da espiritualidade era um tema recorrente para os idosos, indicando interesse na compreensão de seus diferentes significados, em um momento de fragilidades psicofísicas.

Outro foco de atenção era a diversidade das crenças e práticas, e seus entrelaçamentos, neste que sempre foi considerado o maior país católico do mundo, concretizando a diversificação decorrente de seu processo de colonização, mas apontando para mudanças no perfil da religiosidade tradicional no Brasil (Jacob, 2004), observada na amostra específica colhida na cidade de São Paulo, local das práticas profissionais que suscitaram a pesquisa-piloto.

O principal objetivo do Grupo de Estudos da Memória é a (auto) formação continuada interdisciplinar, não apenas como estudo e debate de idéias, mas, principalmente, voltada a um trabalho prático, que valoriza as experiências advindas do exercício de diferentes profissões, tanto as relativas à formação disciplinar como as dos diversos espaços e modos de atuação.

Na prática cotidiana, na qual era recorrente o tema religiosidade / espiritualidade dentre os idosos, os profissionais observam que alguns tinham uma religião estabelecida como ponto de apoio e sentido; outros duvidavam da existência de um ser superior e bom, ante aos sofrimentos já vividos e, especialmente, na velhice; outros diziam que tudo termina aqui, sem esperança ou escapatória. Observavam, também, que no processo de busca de sentido, muitos realizavam uma grande “mistura” de religiões, crenças e ritos, e estas questões eram trazidas para as discussões no GEM.

A partir dessas questões foi proposto como desafio o duplo projeto de pesquisa e formação. Discutido e aceito pelo grupo, foram estabelecidos os objetivos do trabalho que buscava formar, por meio de pesquisa de campo de cunho acadêmico, e valorizar os saberes de profissionais que não faziam parte da academia. Os participantes que, além

da prática, já tinham mestrado serviriam de apoio aos demais participantes, auxiliando-os e, assim, ampliando também seus processos de autoformação continuada, visando uma melhor compreensão do tema, por meio das palavras dos idosos, e o exercício da mediação interpares, ampliando as perspectivas pessoais e profissionais.

Os objetivos gerais foram assim explicitados: elaborar metodologia de formação continuada em pesquisa qualitativa interdisciplinar por meio de projeto-piloto; valorizar e articular saberes e competências de profissionais e idosos; utilizar a memória autobiográfica na elaboração das questões e coleta de dados sobre os sentidos / significados da religiosidade / espiritualidade na trajetória de vida; verificar seus benefícios no desenvolvimento da auto-estima, manutenção da saúde e qualidade de vida no envelhecimento.

O Grupo realizou estudos teóricos e sobre aspectos metodológicos pertinentes à abordagem qualitativa em pesquisa. As reflexões, escritas individualmente, eram repassadas ao grupo motivando novas questões e caminhos de compreensão o que culminou na indicação de indagações como: Qual a diferença entre religiosidade / espiritualidade? Como articular os temas envelhecimento, espiritualidade e memória autobiográfica? Qual a fronteira entre ciência e fé? Como se dá a construção de sentido, ao longo da trajetória, e a busca de transcendência?

Destes estudos resultou a escrita de textos coletivos, a partir dos individuais, tarefa complexa que se manteve ao longo do trabalho. Este processo trouxe muitas questões teóricas e práticas, entre elas a complexidade dos temas e da escrita coletiva; Como abordar “objetivamente”, por meio da pesquisa, um tema profundamente subjetivo - a trajetória espiritual de cada um? O que religiosidade / espiritualidade significaria para os idosos? Como buscá-la por meio da memória autobiográfica?

Apesar das dificuldades, o grupo considerou o trabalho um grande e mobilizador desafio, com aprendizagem e compromisso - sensação de pertencimento – destacando que a busca de compreensão dos textos trouxe novos questionamentos pessoais. Ficaram como pontos fortes dessa etapa: - a idéia de que a espiritualidade transcende os dogmas das religiões institucionalizadas; o impacto desta na vida pessoal; a percepção de uma idealização sobre a prevalência da religiosidade / espiritualidade no processo de envelhecimento.

A definição dos procedimentos necessários à realização da pesquisa de campo respaldou-se na prática das Oficinas Reflexivas que mobilizaram os participantes a rever o processo de construção da própria religiosidade / espiritualidade, com base na memória autobiográfica. Foram entrevistados 10 sujeitos idosos, com base em roteiro construído pelo grupo e a análise dos dados coletados foi feita aplicando-se a técnica de análise de conteúdo e com utilização dos registros dos diários de campo.

O grupo reuniu-se inúmeras vezes no esforço de construção de um texto coletivo, inter-relacionando a teoria estudada e os depoimentos dos idosos, coletados nas entrevistas. Foi um período árduo de trabalho e de superação de dificuldades pessoais, grupais e as inerentes ao desafio de formação continuada, resultando em um texto coletivo com cerca de 40 páginas.

A análise dos dados constatou que: a religião declarada não coincide, majoritariamente, com as práticas e rituais; uma espiritualidade difusa; a religiosidade ou espiritualidade não aumentou ou declinou ao longo da vida; a estabilidade atual parece estar mais relacionada com uma auto-percepção prospectiva positiva, ligada à luta pela sobrevivência, e que parece fortalecer a saúde, auto-estima e o sentido de transcendência, não ancorada, necessariamente, nas crenças e práticas espirituais ou religiosas.

O grupo de profissionais em formação avaliou positivamente o desafio de formação em pesquisa, apesar das inúmeras dificuldades enfrentadas ao longo do processo, e se posicionou como ainda em busca de sentidos / significados pessoais e profissionais, indicando a continuidade do processo de formação continuada.

O Grupo de Pesquisa “Educação, Longevidade, e Qualidade de Vida” - ELO - realizou estudos sobre “Programas sócio-educacionais para idosos na Cidade de São Paulo”. Esta pesquisa integra o projeto mais amplo de investigação “Envelhecimento, Educação Formal e Não-Formal” que tem como objetivos mapear e caracterizar as instituições e outros espaços de convivência de idosos, onde ocorrem atividades sócio-educacionais, identificando os programas desenvolvidos com pessoas idosas, as concepções de educação existentes e as representações sociais de seus participantes.

Refletir sobre ações educativas nos remete ao pressuposto de que o mundo contemporâneo apresenta inúmeros problemas e dificuldades, mas também nos oferece alternativas para que possamos superá-los, e assim poderemos usufruir das conquistas que garantem a longevidade associada ao prazer de viver por mais tempo. A complexidade da vida atual exige um novo modo de pensar que permite descobrir novos paradigmas para viver o envelhecimento na sua plenitude, respeitando as singularidades do ser idoso.

Se entendermos o ser humano como alguém que vai se fazendo no decorrer da sua existência, como alguém que tem o direito e o dever de mudar, passamos a destacar e reforçar a importância e o valor da educação. Educação para um tempo de vida que se torna cada vez mais longo e que deve ser ressignificado, no seu sentido individual e social, através de projetos pessoais e coletivos.

As ações educacionais devem envolver pessoas de todas as idades, em especial os idosos que precisam se preparar, individual e coletivamente, para viver com dignidade e plenitude a fase da velhice que vem se prolongando continuamente diante das conquistas científicas e tecnológicas.

A vivência consciente da fase da velhice exige, também, reconhecer os avanços de projetos e programas propostos por entidades, grupos organizados das comunidades e instituições representativas da sociedade civil e do Estado. Desenvolvidos em espaços de convivência diversificados, esses projetos e programas favorecem a realização de propostas sócio-educacionais, propiciadoras da consolidação da prática cidadã pelo segmento idoso.

É certo que a produção de conhecimento sobre o envelhecimento e a velhice tem se ampliado de maneira visível e significativa potencializando e subsidiando as interpretações sobre a realidade da população idosa. Pode-se observar, também, um conjunto expressivo de alternativas concretas de ações sócio-educacionais destinadas a este segmento ou a ele relacionadas, protagonizadas pelo Estado, pela sociedade civil e pelos próprios idosos, o que exige reconhecimento e a garantia dos direitos dos idosos.

Dentre os direitos humanos destacamos o direito à educação dos idosos, foco central do objeto de estudo das pesquisas que promovem a interface com questões como longevidade e qualidade de vida, aspectos estes de central importância no contexto da realidade contemporânea e nos estudos sobre envelhecimento e velhice.

Os dilemas e desafios que compõem o panorama do nosso cotidiano apontam a educação como uma das ações sociais mais necessárias e significativas que possibilitam dar sentido à existência humana, para que a vida das pessoas idosas seja vivida plenamente, observados os princípios fundamentais de convivência social.

O Estatuto do Idoso – Lei Federal nº 10.741, 01/10/2003 e a Política Nacional do Idoso – Lei federal nº 8.842, 04/01/1994 contemplam a necessidade de que os idosos tenham seus direitos civis garantidos, como direitos inerentes à pessoa humana. Resgatando os princípios constitucionais de preservação da dignidade de todos e não discriminação, o Estatuto inclui, em especial, no Título II “Dos direitos Fundamentais”, Capítulo V “Da Educação, Cultura, Esporte e Lazer” os artigos 20 e 21 cujas deliberações se relacionam diretamente à pesquisa em pauta:

Art. 20. O idoso tem direito à educação, cultura, esporte, lazer, diversões, espetáculos, produtos e serviços que respeitem sua peculiar condição de idade.

Art. 21. O Poder Público criará oportunidades de acesso do idoso à educação, adequando currículos, metodologias e material didático aos programas educacionais a ele destinados.

Pg 1º Os cursos especiais para idosos incluirão conteúdo relativo às técnicas de comunicação, computação e demais avanços tecnológicos, para integração à vida moderna.

Faz-se necessário, portanto caracterizarmos os espaços existentes na Cidade de São Paulo que desenvolvem programações voltadas à educação das pessoas idosas, dentre eles as Instituições de Ensino Superior, compreendendo seus significados, proposições e práticas vivenciadas. Através de consulta ao Portal do Ministério da Educação – MEC – identificamos as Instituições existentes e localizamos, no período de 2005 a 2007, um total de 20, sendo 17 privadas e 03 públicas, que oferecem programações destinadas à população idosa.

Os programas têm sua origem na demanda dos próprios idosos e, em alguns casos é iniciativa da Instituição, seja ela Universidade, Faculdade ou Centro Universitário, liderada pelos gestores ou professores. Predominam como objetivos básicos destas ações/propostas: a aprendizagem e desenvolvimento de habilidades e

competências, assim como a sociabilidade e práticas que favoreçam o exercício da cidadania. O aprimoramento pessoal e a qualidade de vida, também se constituem em intenções motivadoras da realização das programações.

Em entrevistas realizadas com os gestores e coordenadores dos Programas pesquisados pudemos constatar que a maioria das Instituições realiza atividades diversificadas incluindo, com maior frequência, aulas de atualidades, literatura e poesia, ensino de informática, práticas de dança e teatro. Uma das Instituições, dentre as públicas, oferece a possibilidade de que os idosos se inscrevam em disciplinas curriculares da graduação, além das atividades complementares diversificadas propostas por diferentes cursos acadêmicos, segundo suas especificidades.

Quanto às representações e significados sobre a vivência dessas programações, tanto os idosos (20 sujeitos de 02 Programas) quanto os gestores entrevistados expressaram a importância dessa experiência pelos ganhos que, para a maioria, se resume no estabelecimento de contatos intergeracionais, num processo de sociabilidade que intensifica a possibilidade de construir novas relações de amizade, facilitando a inserção social dos idosos nos ambientes sociais. Destaca-se, também, como conquistas o fato de conseguirem se atualizar e adquirir novas aprendizagens, assim como o despertar para a elaboração de planos para o futuro.

De modo geral, os resultados da pesquisa evidenciaram que os sujeitos entrevistados acreditam que a educação é de extrema relevância para o desenvolvimento do indivíduo e para que ele tenha uma vida digna e plena. Para os idosos, o processo educacional contribui para que eles sejam capazes de enfrentar os preconceitos, exigir seus direitos, viver como cidadãos ativos e conscientes, além de aumentar sua autoestima, melhorar os relacionamentos sociais, intensificar sua alegria de viver e construir novos projetos.

Os estudos desenvolvidos pelo Grupo de Pesquisa “Longevidade, Envelhecimento e Comunicação” – LEC – complementam os conhecimentos produzidos na área da Gerontologia. Com enfoque na mídia, parte-se do pressuposto que os meios de comunicação agem como agentes difusores das ações educativas/formativas, sociais e políticas relativas aos idosos, provocando reações e

reflexões sobre o envelhecimento da população. A grande questão desafiadora é: como a mídia aborda o tema envelhecimento?

As pesquisas do LEC monitoram a cobertura da mídia com o objetivo de chamar a atenção da sociedade quanto ao que ela está reproduzindo ou apresentando em relação à velhice e ao envelhecimento. O objetivo do grupo é contribuir com a formação de profissionais e do público em geral, quanto à agenda da longevidade que está em implantação, reconhecendo as funções dos principais observatórios (fiscalizar e alfabetizar). No período 2004 e 2005 o trabalho do grupo esteve focado na mídia impressa. As atividades de monitoramento dos meios de comunicação subsidiam os movimentos em relação ao controle social da mídia, como também nos faz entender o contexto do jornalismo praticado hoje e as identidades de velho que nele estão sendo apresentadas. Na sociedade contemporânea, a mídia ocupa o papel central na vida de muitas pessoas, e a comunicação está legitimando discursos, comportamentos e ações. A mídia veicula certas representações dos velhos, da velhice e do envelhecimento, e exerce a função de ponto de referência. A imagem ou imagens apresentadas aos leitores tem uma importância significativa na construção da velhice.

A cobertura da mídia sobre o envelhecimento não está baseada no modelo clássico da comunicação - emissor/mensagem/receptor - como constituintes dos processos comunicacionais. O jornalismo é uma das instituições sociais contemporâneas que podem ser caracterizadas como destinadoras do discurso sobre o envelhecimento e a longevidade produzido por ele mesmo. É uma das instituições que nos dá sentido à existência. Os jornalistas, antes de relatarem as notícias ditas por outros, as organizam segundo sua visão de mundo e, estas nos são passadas. Eles acabam ordenando outros relatos a partir de três critérios básicos: o tempo, que trata da urgência de um fato ser convertido em notícia; o espaço: local ou global; e o acidente, o mais horroroso possível. Portanto, no caso deste estudo, a mídia jornalística é o grande “monstro” por nós criado; é feita por pessoas que, como nós, também têm imagens positivas ou negativas da velhice. Frequentemente as informações chegam às redações por alguém que presenciou um fato, agência de notícias ou assessoria de imprensa, enfim, imagens já organizadas.

Formar uma opinião sobre a velhice é dar sentido às imagens dispersas socialmente. Daí a afirmação que não existe realidade a ser revelada, mas “n” realidades espalhadas. Dependendo de como cada pessoa as organiza, extraindo-as do anonimato, elas se tornam narrativas. As imagens da velhice e da violência identificadas pela pesquisa, agora públicas, saíram do anonimato no qual estavam dispersas. Ao se compreender que as notícias não são meras descrições de acontecimentos ou processos, acredita-se que o jornalismo retira fragmentos dos acontecimentos e processos, encenando-os e introduzindo-os em esquemas antecipadamente construídos, dotando-os de coerência e instituindo, com essa construção, a realidade da velhice.

A transmissão e a recepção de mensagens não são processos mecânicos ou lógicos. Isto porque os leitores ou espectadores não são meros receptores passivos de informações e mensagens. Cada um é “emissor” e também “receptor”, e vice-versa, mesmo perpassados pelos discursos dessa rede. É nela que acreditamos ser sujeitos em permanente interação. Sujeitos interpretadores. E sempre interpretamos a partir de “algum lugar”, de uma visão de mundo construída ao longo dos anos pela experiência vivida, pela formação recebida em casa, nos bancos escolares e nos grupos sociais aos quais pertencemos. Conscientes ou não, olhamos e interpretamos, sempre, de algum lugar.

Comunidade e novos modos de morar

Jardins

*Em frente à minha casa tem um pequeno jardim de rosas;
é o jardim da casa, mas antes o jardim de meu velho pai,
e sendo dele, porque ele o fez com zelo,
tem em cada flor a nostalgia de suas mãos de pai e de artesão.
No que me cabe é meu, por ser da casa,
que por ser minha na circunstância casual da posse e da ansiedade,
me deixa estar ali sentado nessa varanda de luz, ocaso e generosidade
a ruminarmos juntos e desdentados - velho um, outro criança -
a lembrança neutra de vegetais no vaso.*

Carlos Vogt.1

1Vogt, Carlos. Disponível em: <http://www.comciencia.br/reportagens/envelhecimento/texto/poema2.htm>
Acesso em 03/2009.

Interrogar nosso modo de morar... A casa que habitamos coincide com a casa que em nós habita?

É o que me leva a pensar, dentre outras coisas, o poeta para quem *minha casa é a de meu velho pai*. Pois *jardim*, ele o fez *com zelo... de suas mãos de pai e de artesão... Sendo dele*, portanto. Aí o reconhecimento pelo filho do lugar do *velho de casa*. De *meu velho pai* ficar na casa que sempre habitou, no espaço onde ele se sente bem, no contato com seu *jardim de rosas*; com as *pessoas da casa*.

Continua o poeta: *No que me cabe é meu, por ser da casa*: esses dizeres levam-me a perguntar: *é minha, a casa onde habito, por ser da casa?* Mas é a casa familiar que em todos nós habita?

Entre pessoa e casa, para uns uma relação de ordem topofílica se faz, de paixão pelo lugar habitado, ou onde *moradia e morador se entrelaçam em infinitas e caleidoscópicas combinações*, conforme poetiza Dulce Critelli.² Mas importa por outro lado, como diz Mercadante, manter uma relação com a comunidade a que se sente pertencer - familiares ou não-familiares - onde *laços sociais* são criados e que devem ser sempre mantidos.

Entretanto, diz Cecília Meirelles, "*A verdade é que nem a casa que habitamos nos identifica, nem o que vestimos, nem o que comemos, como não nos identifica, de forma absoluta, o que sonhamos ou fazemos. Reconhecemo-nos quase por adivinhação*". Considera ela ainda:

...nestes dias velozes é muito fácil deixar-nos arrastar para vertiginosos estilos de vida que se sobrepõem, sem se ajustarem, a alguns de nossos imperativos mais remotos mas ainda palpantes. Estas formas artificiais de viver têm dado causa a muitos dos nossos sofrimentos...podemos, sem querer, agravar os nossos males, se perdermos de vista a nossa verdade tal qual é.³

Pensar a casa que nos habita talvez seja o caminho de *nossa verdade tal qual é*.

Pensar a moradia na velhice, contudo, é exigência premente da longevidade e de responsabilidade de todos nós da sociedade. Se vivemos uma revolução demográfica, desde as últimas décadas do século passado e início deste, com as previsões de expectativa de vida adiada para além de vinte anos, tal constatação implica que nos preparemos para

2 Critelli, Dulce. "O limite das arquiteturas". *Folha de São Paulo-equilíbrio*, 06/09/07. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/equilibrio/eq0609200701.htm>. Acesso em 03/2009.

3 Disponibilizado em:

<http://www.historiaecultura.pro.br/modernosdescobrimentos/desc/meireles/entreossimboloseavida.htm>. Acesso em 07/09.

determinadas exigências e necessidades sociais (seguros de saúde, aposentadoria, pensões, cuidados especializados etc.) e, dentre tais aspectos ligados diretamente aos idosos, está a moradia na velhice. Questão que se coloca dentre os maiores desafios da humanidade no presente e no futuro. Sabemos que as residências brasileiras não estão preparadas para ter nelas uma pessoa premiada com uma vida mais estendida, requerendo tratamento especializado de cuidadores que, por sua vez, necessitam de uma preparação inédita para tal função. A sociedade brasileira está sendo mais que nunca convocada para que desperte diante desse "novo" e que sugira novos "arranjos do morar" para a velhice, para a própria velhice de cada um de nós.

Se a residência junto à família define-se positivamente como o melhor lugar para um velho morar, sob a premissa de que é aí onde ele se sente *em casa*, com os familiares, aqueles *de casa*, onde acredita que seja bem-acolhido, em termos de companhia e afeto, constatações negativas fazem esboroar tal crença que se afirma, então, ilusória. Não está, na verdade, a família atual apta em cuidados diferenciados para lidar com a pessoa de idade avançada; não está apta em termos financeiros para arcar com despesas dessa ordem; nem muito menos apta está em disponibilidade de tempo físico e mental para oferecer companhia e afeto ao velho *de casa*.

Sabe-se que a fragilidade de velhos e crianças vitima-os dentro de quatro-paredes: - seja pela solidão, quando deixados são pela família em trabalho externo; ou seja, mais dramaticamente, pelas raras vezes que conseguem se safar de um "agressor do lar", vítima também de sua perturbada subjetividade. Não se pode negar o que se sabe: a situação dentre as famílias é a de intrigas constantes entre idosos e filhos, genros, noras e vizinhos e até mesmo conflitos de idosos com idosos, o que se complexiza agudamente em instituições asilares. Os números da capital paulistana, do Hospital do Jabaquara, alertam-nos para o que ocorre no lar: de uma média de atendimento mensal de 32 mil pessoas, pelo menos 600 são os "violentados do lar", sendo a maioria deles velhos e crianças.⁴

Diante de tais constatações, o que nos leva ainda a pensar que a moradia junto à família seja o melhor lugar para o idoso? A instituição asilar, por sua vez, pode substituir com vantagens a moradia com a família? Ficar sozinho na casa que o habita, no espaço em que ele se sinte bem, é um caminho, mas até quando? O desejo de autonomia, de morar onde lhe dita a casa que o habita, cede à dependência trazida pelo avanço dos anos. E no caso do idoso que passa o dia fora de casa, em algum "arranjo-moradia-dia" e retorna à

4 Cf. "Velhos sofrem violência em casa e nas ruas", 2002. Disponibilizado em: <http://www.comciencia.br/reportagens/framereport.htm>. Acesso em 21/06/2008.

noite para o contato familiar, como encontra ele seu familiar? Este está preparado para suprir o idoso de afeto, de companhia, por algumas poucas horas noturnas?

Pesquisas estão caminhando nesse sentido na PUC-SP. Uma delas empreendida por meio do projeto interdisciplinar intitulado "Onde vamos morar em 2030?", do PEPG Gerontologia, envolve pesquisadores/docentes do Programa, mestrandos, e graduandos em Iniciação Científica, com duas áreas do conhecimento em interdisciplinaridade: a da Gerontologia e a da Linguística/Linguagem.

A pesquisa, assim vitalizada, visa a problematizar a questão do Morar, a partir da coleta de dados de dois momentos da pesquisa: o primeiro é quando é recuperado o que existe efetivamente, hoje, registrado sobre a moradia do idoso, em pesquisas de mestrado já orientadas por Suzana da A.R. Medeiros, na PUC-SP, acerca de novas denominações, características e problemáticas dos espaços institucionais oferecidos com foco nos dizeres de seus residentes, funcionários e familiares. O segundo momento de pesquisa é quando respostas de cerca de cinquenta pessoas entrevistadas, em primeira rodada de especialistas no envelhecimento, trazem sua reflexão sobre a questão da moradia pretendida por eles, no presente e no futuro. Operando assim em dupla via de lócus de pesquisa e coleta de dados, acreditamos que se possa prever uma transição ou a implementação de variantes quanto a expectativas ou desejos de moradia desses entrevistados entre o presente e um futuro próximo, mais precisamente em 2030. O recorte, nesta apresentação, faz-se no sentido de antecipar alguns resultados mais salientes da investigação em andamento. Assim, objetiva-se aqui sucintamente apresentar "achados" que surgiram de uma primeira amostragem e que apontam alguns aspectos ou fatores avaliativos sobre a moradia coletiva, alguns decorrentes do que está presente no imaginário das pessoas sobre o lugar dos velhos na sociedade — considerados por nós elementos relevantes para a discussão e implementação de "novos arranjos de morar" na velhice, que não junto à família.

Podemos dizer que é na prática discursivo-interpretativa - manifesta aqui nos múltiplos dizeres sobre a moradia na velhice - que o trabalho linguístico acaba revelando aspectos da linguagem que lhe são particularmente concernentes e certamente essenciais à questão em foco, uma vez que a linguagem está presente em todas as formas de ação do homem. Ao se apreender a linguagem, chega-se ao entendimento de fenômenos que mantêm estreita relação com ela; o propósito será, assim, sugerir aos que trabalham com idosos e suas questões que há certos aspectos da linguagem observados, na análise dos discursos (cf. Orlandi, 1988) que devem ser levados em conta, mais propriamente aqui na reflexão sobre como os idosos se constituem e constituem seu *modus vivendi*. Implica em

estudar os *efeitos de sentido* dos discursos no espaço gerontológico de moradia, questão que deve ser deslocada e reformulada certamente. A área da linguagem/Linguística, ao aqui comparecer, indaga sobre as "formas de significar" o "morar" da pessoa idosa, seja em instituições públicas ou privadas, excetuando agora a moradia familiar. Isso quer dizer que importa aqui não apenas *o que* se diz negativamente sobre os atuais ou novas formas de moradia na velhice. Importa-nos, antes de tudo, *o modo como os idosos se relacionam com seus dizeres e com os dizeres que lhes chegam*, em cadeias significantes, o que vai determinar o modo de sua inserção nas moradias mais diversas existentes na sociedade. Aqui, a hipótese interacionista-dialógica da linguagem⁵ mostra-se como uma perspectiva interessante para se verificar o processo de constituição dos discursos sobre a moradia dos/nos idosos. Essa hipótese pode trazer seu aporte às questões tratadas nesta investigação, ao deslocar os termos habituais com que a produção da linguagem sobre a/da pessoa idosa é estudada e por assumir uma decisão metodológica inédita: a de dar prevalência ao diálogo ou considerar acima de tudo a interação dialógica com e sobre o idoso, decisão essa que é efeito de uma descoberta cujo valor demonstrou que havia uma relação formal entre os dizeres do idoso e os da fala do outro, seu interlocutor, no processo dialógico, além da consideração da ordem estrutural e estruturante da língua. A área da Gerontologia Social pensa o envelhecimento, a longevidade, a partir de questões envolvidas nesta área, especificamente aqui a questão do "Morar" (modalidades de moradias, como são constituídas, como vivem ali os idosos, quais as relações que se estabelecem com as respectivas famílias, como se dão os laços sociais entre os próprios idosos, entre idosos e funcionários etc.) e dos serviços existentes de moradia aos idosos na capital paulistana (como chegam à população-idosa ou envolvida com idosos as informações desses serviços, se se fazem interpretar bem ou não; o que as pessoas pensam sobre as moradias de idosos etc.). Questões essas que, se pensadas no presente, podem ser projetadas, em dimensão mais aprofundada, para um futuro próximo, mais especificamente para daqui a duas décadas, i.é,

5 Nesta investigação, nossa filiação se dá à pesquisa teórico-metodológica oferecida por uma Linguística afetada pela Psicanálise, a que vem se dedicando C.T.G.de Lemos, R.Attié Figueira; M.F.Pereira de Castro (da Linguística do IEL-Unicamp), e outros pesquisadores da PUC-SP, como M.F.Lier-De Vitto (1995;2006-7); S.Carielo da Fonseca; F.M.M.Lodovici. A partir da área da aquisição da linguagem, implicada muitas vezes com as Patologias da Linguagem, tais pesquisadoras vêm refletindo sobre o funcionamento da língua em geral e sobre o sujeito na língua, incluindo nessa reflexão a Psicanálise de linha francesa, particularmente como esta se apresenta na obra de Lacan. Justamente por essa linha de estudo poder oferecer elementos teórico-metodológicos para um tratamento do discurso do/sobre o idoso, sobre a moradia do idoso, essencialmente diferente daquela consagrado em grande parte da literatura. Subsídios teóricos de autores da análise do discurso aqui também são incorporados, dada uma confluência de conhecimentos por eles desenvolvidos sobre a questão do sujeito e outros aspectos relevantes à presente pesquisa.

por volta de 2030. As duas disciplinas aqui interfaciadas têm seu estatuto epistemológico fundamentalmente diferente. Assimétricas são elas entre si. A área da linguagem/linguística se coloca a título a um só tempo interrogativo e parcial acerca do *sujeito* que aí faz presença. A área gerontológica vê que os aspectos heurísticos e propriamente científicos da disciplina se separam e se articulam a um só tempo, por estarem estreitamente imbricados a partir de contribuição multidisciplinar: da antropologia, da sociologia, do direito, da medicina, da enfermagem, das terapias (ocupacional, artística etc.). Isso não implica que não se distinguem com menos rigor. Cada disciplina tem sua especificidade que se mantém íntegra em sua epistemologia, mas convergentemente aplicada ao objeto de estudo gerontológico.

Método / Resultados / Discussão: O *corpus* de análise utilizado provém, como dito, de duas fontes. A análise e a interpretação das respostas ao questionário, que está sendo aplicado em várias rodadas, seguem a metodologia prospectivo-qualitativa *Delphi Eletrônica*. Dados empíricos em que verificamos a *resistência* manifesta, na maior parte das vezes da fala do próprio idoso contra o "asilo", até contra o fato de ser velho, *resistência* essa permeada por preconceitos inadvertidamente incorporados e reforçados no cotidiano e que justificam tal resistência. Sempre levando em conta o que diz Lyotard (2002: 03) sobre como a troca dialógica deve ser vista: o "saber científico é uma espécie de discurso", traduzido pelas teorias linguísticas, compreendidos em sua lógica que é a de ser valorizado em uma nova forma de produção. Ou seja, o discurso posto em circulação com os conhecimentos intercambiados entre falante/ouvinte ou entre aquele que escreve/ou que lê, no quadro da vida cotidiana. No caso das pessoas idosas, para sobrevivência durante essa idade avançada, para recuperação de um desejo do morar, para redefinição de um lugar na sociedade etc. Mas o conhecimento científico - que demanda do especialista em sua análise que recupere suas condições para o reconhecimento científico: consistência interna e verificação experimental - não é todo o saber humano, concorrendo com ele outra modalidade de saber, o saber narrativo, aquele manifesto nas falas (orais ou escritas) das pessoas, que necessariamente deve ser analisado pelo analista do discurso sob a articulação falante/ouvinte-língua-fala. Nessa direção, é que é interpretado o material empírico trazido pelas dissertações de mestrado e pelas atuais entrevistas, sob uma perspectiva que parte do dado empírico de fala (oral ou escrita) de um sujeito em diálogo com outro sujeito, ambos sujeitos aos efeitos de sentido da linguagem. Voltando agora ao segundo momento de coleta de dados da

pesquisa "Onde vamos morar em 2030?", podemos dizer que dois fatores de ordem social estão sendo levados em conta para seleção dos informantes, na primeira rodada de aplicação do questionário: - a faixa etária (pessoas de mais de cinquenta anos); e - a atuação ou estudo (no campo do envelhecimento). Em segundo momento da coleta de dados, outro grupo constituído de pessoas jovens será incluído no *corpus* para obter uma modalidade de avaliação de geração mais nova.

A coleta, sistematização e análise dos dados da etapa primeira de aplicação do questionário já foram realizadas. A interpretação dos dados desta pesquisa interdisciplinar está em andamento, mais propriamente na etapa de elaboração de sínteses sobre cada resposta às 25 perguntas feitas a cerca de 50 entrevistados. A avaliação da equipe de pesquisa acerca dos resultados preliminares de cada resposta, relativos à primeira rodada, conforme prevê a metodologia, será enviado como feedback aos entrevistados, também via Internet, para que estes possam tê-lo em mãos e para que possam ser considerados pelo grupo no preenchimento das respostas da segunda rodada, também via Internet.

Algumas considerações: A expectativa é de que essa problemática contemporânea da moradia do idoso venha a ser discutida não apenas pela academia, mas pelas políticas públicas e por todos os cidadãos, e não ser tratada, como via de regra o vinha sendo, apenas de forma administrativa. Este pensamento evoca o que é dito, *mutatis mutandis*, em Edgar Morin: *Ética, Cultura e Educação* (2001: 24):

Aponta-se então para uma democracia cognitiva que implica na ampliação do relacionamento das questões científicas com as de cidadania. Relação esta que merece ser alimentada pelos sentimentos de responsabilidade e solidariedade tão esgarçados em nossa sociedade individualista.

Relações solidárias são muito necessárias para a tranquilidade do cidadão comum, para sua vida em sociedade; sociedade que, segundo Morin, "precisa de ações de junção, união, agregação e religação, possíveis se praticarmos a ética da solidariedade" (op.cit.: 25).

Ninguém pode eximir-se de sua responsabilidade de pensar e agir sobre essa questão que diz respeito, em essência, ao presente dos velhos e ao futuro de cada um de nós: onde um velho pode morar bem, com dignidade, no que se implica o essencial fator afetivo.

Para tal, seria exigido que suporte psicológico/psicanalítico ou suporte pela própria sociedade fosse concedido às famílias, para que seus membros ganhassem auto-estima, e

ganhassem condição de oferecer todo o afeto ao velho *de/da casa*, em momentos de convivência.

Ou que se desenvolvessem novos modos ou modelos para lidar com a velhice, em casa ou nas instituições, ou em novos "arranjos do morar", a fim de afastar a repressão, a intimidação, o conflito entre os residentes — enfim, *novas filosofias de vida*, diria Critelli.

Diante dos resultados parciais da pesquisa aqui referida que mostram insistente e repetidamente a "resistência" que os próprios idosos têm à simples ideia da institucionalização, que outros "arranjos do morar" poderiam ser propostos? A interpretação continua visando a constituir um inventário imaginário de moradias para a velhice no presente e futuro.

Entretanto, ainda incomodam, ao ressoar em nossos ouvidos, dizeres de entrevistados, que pensam como se eles próprios nunca fossem envelhecer, como se eles pudessem desde o presente determinar seu destino futuro, sua recusa a uma "moradia coletiva" — que muitas vezes é inevitável, como sabemos, no caso dos idosos demenciados, dependentes ou daqueles de idade avançada, caso dos nonagenários e centenários. E que nada mais fazem senão reproduzir o discurso da sociedade e da própria família que também recusa a ideia de institucionalizar o velho *de casa*. E caso se tenha visto obrigada a assim proceder, a família o faz, tendo-lhe subjacentes sentimentos de culpa ou remorso: "*Como podemos internar nosso velho de casa?*". Quanto ao sentimento de culpa, o próprio dizer popular o ratifica: "*Toute vieillesse est un aveu*".⁶ Sentimentos que podem muito bem ser aliviados se uma *convivência próxima* com o idoso institucionalizado puder ser mantida pela família, tendo como base o permanente *afeto* a seu idoso e uma *tolerância* maior aos novos espaços de moradia do idoso que se projetam no momento.

Pensar sobre lugares, moradias, novas organizações, a partir da comunidade, indica a criação de um novo arranjo social para os idosos. Isso deve fazer parte do rol de soluções planejadas e adequadas para a inclusão do envelhecimento populacional como questão fundamental, que implica a elaboração de novas políticas, o desenvolvimento de questões científicas a serem investigadas e, especialmente, apresenta-se como questão a ser analisada, refletida e vivenciada pela sociedade de em geral.

Nossa esperança é a de que a *casa que nos habita a alma* possa ser aquela construída com afeto, solidariedade, tolerância e respeito à singularidade de cada pessoa que nela habita - que ela possa corresponder, de fato, ao *jardim de rosas* de nosso imaginário.

⁶ "Toda velhice é uma confissão (de culpa)", ditado consagrado, mas infeliz, de André Malraux, para quem ser velho é sentir-se culpado pela própria condição. Cf. Lodovici e Mercadante (2007).

Pensamos, finalmente, que uma tal sintonia da *casa que habitamos* com a *casa que nos habita a alma*, antes que um problema conceitual, poético ou técnico, é uma questão de novos valores humanos, de vontade política para uma convivência feliz.

A saúde em foco

A Gerontologia estuda o envelhecimento humano, levando em conta, de um lado, como o sujeito é afetado por este processo e, de outro, as mudanças sociais decorrentes do fato de que a população se torna cada vez mais longeva. Perspectivas inter e multidisciplinares tem se constituído a base para o desenvolvimento do campo do saber gerontológico. Nesses campos, forças conceituais mobilizam diferentes dimensões da existência humana e, conseqüentemente, de saberes específicos – biológicos, psicológicos, sociais e outros – que podem e devem ser colocados em relação de afetação recíproca.

A questão do envelhecimento coloca em discussão a necessidade de se reconhecer que tal processo põe em cena dimensões vitais que não podem ser reduzidas à sua dimensão biológica. Ao contrário, o que se tem testemunhado nesse campo de investigação é que a velhice não é sinonimo de doença, já que essa etapa vital é marcada por potencialidades de invenção de múltiplos modos de existência. De fato, a exploração da complexa polaridade saúde/doença está na base de uma discussão que importa muito à Gerontologia. Se não é lícito reduzir a velhice a uma condição patológica, é preciso problematizar a relação normal/patológico no âmbito do processo de envelhecimento. Por outras palavras: O que distingue saúde x doença na velhice, tendo em vista o processo histórico da longevidade? A velhice é uma etapa vital e, como tal, comporta normatividade na relação do sujeito com o meio (físico, social/cultural).

O Programa de Estudos Pós-Graduados em Gerontologia da PUC/SP se abre para essa discussão, focalizando o envelhecimento humano – individual, subjetivo e populacional - num contexto sócio-cultural. Entende-se que é nesse contexto que etapas da vida são significadas, influenciando percepções e comportamentos, representações e ações coletivas relativas ao processo de envelhecimento e a velhice. Nessa perspectiva, o eixo em torno do qual se realiza a reflexão é o da assunção da dupla natureza do corpo humano: ele é, ao mesmo tempo, natural e cultural. Assim, as reflexões sobre os

problemas de saúde e/ou os eventos normativos da vida passam através da dimensão sócio-cultural e subjetiva do envelhecimento.

O Programa enfatiza, então, uma perspectiva interdisciplinar do conhecimento, assumindo que a relação entre o biológico, o sócio-cultural e o psicológico é reciprocamente dinâmica, o que impede a redução de uma dimensão à outra e o privilégio de um dos pólos - natureza ou cultura - na concepção do humano. Procura-se, portanto, dar maior consistência à tese de que somos não apenas Cronos, mas também Kairós.

De fato, a Gerontologia precisa responder ao problema atual da extensão da longevidade humana não colocando a imensa população de velhos na condição de doentes ou inativos que oneram o Estado, a família e a sociedade, submissos a valores e modos de vida social e culturalmente impostos e, sim, percebendo-os como sujeitos capazes de subverter e transformar valores e modos de vida. Afinal, envelhecer – do ponto de vista biológico - é fenômeno que afeta todos os viventes mas a vida é um fluxo mutável e heterogêneo, o que implica admitir que os termos “envelhecimento” e “velhice” encobrem diversidade e singularidade, que são a marca desse processo e/ou dessa etapa vital.

A ênfase das discussões recai, especificamente, na distinção ou não-coincidência entre as concepções de vida e de longevidade abordadas a partir de um ponto de vista estritamente orgânico ou de um ponto de vista social ou subjetivo. Reciprocidade dinâmica exige visão ampliada e, deste modo, relacionar a questão da vida e do envelhecimento a aspectos unicamente biológicos ou cronológicos significa assumir não só uma tendência reducionista, como também criar uma fonte de exclusão e de sofrimento para os idosos que não se reconhecem nesse discurso ou não se identificam com ele. Por outras palavras, vida e envelhecimento devem ser considerados como constituídos de aspectos biológicos, sociais, políticos, econômicos e psíquicos tanto para a reflexão renovada do tema quanto para a visualização de ações que possam responder ao fato contemporâneo da expansão da longevidade humana.

Nessa linha de argumentação, define-se o campo de estudo da Gerontologia como pautado na desconstrução de noções cristalizadas sobre velho, velhice, envelhecimento, tributárias do imaginário do ser cronológico; busca-se incorporar a noção do tempo do sujeito e levar em conta a heterogeneidade imprevisível ou incomensurável das condições dos idosos, determinadas pelas peculiaridades bio-sócio-culturais e

contingenciais dos percursos individuais. No âmbito de tal proposta, deve-se falar de velhices e não de velhice.

Uma das conseqüências dessa assunção, no plano das ações públicas e/ou privadas, é o reconhecimento da impossibilidade de instrumentalizar planos ou projetos uniformes ou totalizantes, uma vez que não seriam aplicáveis a todo e qualquer contexto sócio-histórico-cultural. São desafios tanto mais prementes para órgãos governamentais e para o conjunto da sociedade - em termos de organização social, modos de vida, questões culturais, políticas e para o próprio sentido da vida - dado que estudos demográficos recentes mostram o crescente aumento da população idosa em todo o mundo. O que até há pouco tempo parecia ser um fenômeno exclusivamente europeu, está se transformando em uma nova realidade para os países da América Latina que, em termos percentuais, vê sua população idosa crescer duas vezes mais que o total da população.

Finalmente, podemos acrescentar para encerrar esta apresentação, que nossa reflexão ressalta a diferença entre envelhecimento e velhice. O envelhecimento é de fato um fenômeno biológico universal, mas a velhice é um fenômeno de outra natureza. A concepção de velhice varia no tempo e no espaço. A seara das diferenças no tempo certamente é farta, mas nos permitimos algumas ilustrações ancoradas na literatura brasileira: em Memórias Póstumas, o “defunto autor” de Machado se percebe aos 60 e poucos anos, um idoso, morto porque chegara sua justa hora. Outro personagem machadiano, Bentinho, o Dom Casmurro, também merece, na casa dos 60 anos, uma representação de homem velho, idoso. É de novo Braz Cubas (destemidamente inconfidente porque é um defunto autor), que falando de Virgília agora com pouco mais de 50 anos, a descreve como “uma ruína”.

Pode-se notar que em pouco menos de 100 anos, a velhice entre nós, foi modificada em mais de um sentido. De certo modo, foi empurrada para mais longe ...

Tornou-se quase um lugar comum falar hoje no “envelhecimento global” da população, tendência à qual não foge o Brasil. Tal envelhecimento populacional se deve a duas ordens de fatores: longevidade e queda da natalidade. Vive-se mais e renova-se menos. Tais mudanças se refletem no perfil das populações mundiais. De qualquer modo, não se é mais tão velho aos sessenta como já se foi num passado não muito remoto. Há sem dúvida um lado benéfico neste processo e conseqüências que ainda precisam ser explicitadas.

Hoje, o afastamento do processo de envelhecimento parece ser o desejo e a promessa (na saúde, na cosmetologia, nos condicionamentos físicos, etc..) alegremente aceitos. O velho “em carne e osso” aparece na sociedade contemporânea como negação do desejo e das promessas de eterna juventude e como tal assusta. Marilena Chauí, abrindo o livro, “Lembranças de Velhos”, de Eclea Bosi, coloca no saldo negativo da sociedade capitalista a ruptura geracional: o velho teria perdido seu lugar de depositário da memória social, e a bem da verdade teria sido desumanizado na medida em que se transforma numa peça descartável na esteira de produção; conhecimento e experiência, não tem lugar numa sociedade tecnológica que fragmenta a produção e só espera dedos ágeis e vista apurada.

O lugar social do velho, entretanto, não foi sempre o mesmo no correr da história e não é sempre o mesmo no conjunto das sociedades humanas. Os textos etnográficos estão recheados de exemplos de sociedades tradicionais nas quais o papel do idoso é extremamente importante: repositório de conhecimento, depositário da tradição, o velho desempenha numerosos papéis sem os quais tais sociedades pereceriam.

Nas sociedades modernas ao contrário, pode-se assinalar que mudanças sociais amplas fragmentaram famílias e residências, seccionando o elo geracional, evitando ou impedindo o convívio entre avós e netos. Também o saber imediato substituiu o conhecimento e a experiência. Entretanto, a precisão tecnológica à qual se referia Chauí nos idos de 1970 foi amplamente transferida para o campo da informática. Tanto “as mãos trêmulas” de idosos, quanto as mãos firmes dos jovens não são mais necessárias em muitos setores de um mundo do trabalho robotizado e informatizado...

Por outro lado, na sociedade em que vivemos, conquanto tenha havido mudanças significativas em anos recentes, ainda é comum que a identidade do adulto se confunda com sua identidade como trabalhador. É o lugar no mundo do trabalho que define as pessoas : “o que você faz”?, “em que você trabalha?”, são perguntas corriqueiras que identificam e situam as pessoas umas diante das outras. Esta identidade pessoal e profissional fica como que truncada na saída do mundo do trabalho. Ao invés de se definir no presente (eu sou professor), o discurso se articula no passado (eu fui).

Para muitos então, a aposentadoria significa uma não identidade. Apesar do apelo ao pleno exercício da “ancianidade” em termos de desfrutar o tempo livre, realizar desejos protelados, enunciar expectativas, sabe-se que a grande maioria da população idosa-aposentada não tem os meios para tanto. Os valores de aposentadoria e a

qualidade das políticas sociais comprometem expectativas, arrefecem desejos, diminuem o tempo livre.

Como diria Balandier (1997), as sociedades ocidentais modernas vivem sob o signo da mudança, tal signo não diz respeito apenas a uma questão de mudança empírica e sim, abarca, sobretudo, uma concepção positiva de mudança. Há um certo apagamento do valor positivo da permanência. Ora, o velho aparece nessa sociedade como símbolo às avessas da modernidade positivada: é permanência, é tradição, é apego ao passado, é dificuldade de aprender e de mudar (triste perspectiva quando se vê as projeções populacionais futuras).

A imagem física do velho é igualmente desvalorizada. Numa sociedade que aposta na juventude e no seu prolongamento, ser velho é estar fora dela. Uma série de representações negativas acompanha a população que envelhece, avaliando-a pelos aspectos físicos, pela aparência do corpo: beleza, juventude e saúde aparecem com uma tríade quase inseparável nas representações sociais. O crescimento das ofertas no setor de cuidados com o corpo que vão da cosmética, à cirurgia plástica, da suplementação alimentar às dietas e aos exercícios, prometem retardar o envelhecimento, isto é, os efeitos da passagem do tempo ou pelo menos algumas das suas marcas mais notórias.

O que se pode esperar é que se a tendência de envelhecimento populacional persistir, tenhamos como consequência, mudanças significativas nos padrões de avaliação estética; ou, por outras palavras, a existência de padrões estéticos diferenciados, paralelos.

De qualquer modo pode-se afirmar sem medo, que se o envelhecimento é um marcador biológico (inexorável, mas admitindo variações), a velhice é uma construção social (tanto quanto “juventude” ou “adolescência” – basta lembrar que os parâmetros definidores de uma e de outra já se mostram inadequados, dificultando o trabalho de pesquisadores de diferentes áreas). As idades de aposentadoria têm variado em termos de políticas sociais, a percepção de segmentos do mercado de trabalho em relação às idades ideais para a “renovação dos seus quadros” também varia; o limite etário considerado ideal para determinadas atividades também se mostra variável (um jogador de futebol pode ser considerado velho aos 35, um professor universitário pode ser considerado jovem na mesma idade) .

Há, de fato, uma heterogeneidade empírica da velhice e também do envelhecimento na nossa sociedade: classe, profissão, tipo de atividade, modo de vida, qualidade de vida, são (entre outros fatores, dentre os quais os de ordem biológica e

genética) geradores de diversidade no próprio processo de envelhecimento. Há igualmente uma heterogeneidade empírica na conceituação de velhice. Finalmente, há heterogeneidade nos papéis e na posição atribuída ao idoso. Neste último caso, quando falamos em segmentos altamente hierarquizados no interior das sociedades modernas encontramos o idoso numa posição senão privilegiada, ao menos de importância extrema; alguns exemplos: o lugar do idoso é valorizado na comunidade de candomblé que é pautada pelas iniciações; nas estruturas altamente hierarquizadas da Igreja católica o idoso tem um papel privilegiado.

Resumindo, há em nossa malha social uma variação no segmento idoso. Deste modo, pode-se criar classes etárias e defini-las, mas não se pode dizer que tais classes sejam homogêneas para outras variáveis além da etária. Esta variação é de ordem social, cultural e também física. A bem da verdade esta variação empírica não diz respeito apenas ao segmento idoso, mas é deste que estamos falando.

Não se pode deixar de apontar que a existência de um lugar social e do reconhecimento da importância do papel que desempenha na vida da sociedade, do grupo ou da família, só pode ter consequências positivas na vida (e na saúde) de qualquer indivíduo. Colocando de outro modo: a ruptura de laços sociais e afetivos, a perda da identidade pessoal e social, tem consequências de ordem física.

Alguns autores (médicos e não médicos), consideram o estresse um elemento fundamental da perda de bem estar físico e mental e é inegável que o estresse pode ser associado a situações de perdas de toda a natureza. Para tomar um exemplo dramático pode-se falar da “morte por feitiço”. Claro está que não queremos introduzir uma discussão sobre o feitiço ou a feitiçaria ela mesma; queremos lembrar apenas que trabalhos de antropólogos mostraram que pessoas que receberam um feitiço fatal vêm de fato a falecer.

Como entender racionalmente (isto é, dentro da lógica que rege o mundo científico) esta morte? Ao que tudo indica o enfeitado sente-se cortado do seu mundo social (de fato ele é evitado em virtude da sua “sentença”) e num certo sentido já está socialmente morto desde que sua existência é ou ignorada, ou temida ou rechaçada. Nesta circunstância, privado da seiva vital que o alimenta – isto é, privado das suas relações e do seu lugar - o enfeitado desiste de viver (HELMAN, 1994). A discussão das situações de estresse, não pode ser esquecida. Advogando a dupla natureza do corpo não se pode voltar as costas a um dos fatores que conformam esse objeto complexo (e

suas conseqüências em termos de saúde e de doença) que é a dimensão propriamente psicológica.

Embora a noção de “dupla natureza do corpo” possa ter se tornado até certo ponto, consensual entre estudiosos contemporâneos, pode-se dizer que de maneira direta ou indireta a polaridade se refaz ao se tratar do envelhecimento. Há uma certa ambivalência na apreciação do fenômeno da longevidade e do envelhecimento da população. Postula-se o aumento do segmento de idosos na população mundial, como conseqüência do aumento da expectativa de vida e da queda significativa da taxa de natalidade, mas costuma-se apontar igualmente e com a mesma ênfase, a prevalência de doenças crônicas e degenerativas na população em geral, apontando-se que há uma crescente prevalência ou manifestação de certas doenças, afecções e problemas, à medida que os indivíduos envelhecem.

Esta prevalência é percebida como decorrente, apenas, de fatores biológicos universais (envelhecimento) e genéticos (herança). As questões de ordem cultural e social são vistas como acessórias neste processo. Não há estabelecimento firme da relação entre estilos de vida e saúde como co-responsáveis. Parece haver o reconhecimento de fatores determinantes (biológicos) e de outros secundários (sócio-culturais). Pode-se em alguns casos abrir espaço para a consideração de fatores psicológicos; estes, entretanto não parecem também ter nenhum vínculo com as condições sociais e culturais. Condições sócio-culturais (vale dizer também, modelo de desenvolvimento), entram quando muito como “Pilatos no Credo”.

A fragmentação dos saberes e a polarização fazem com que a avaliação do novo perfil populacional fique entre a previsão do desastre (problemas sociais, econômicos e de saúde pública) e a louvação tecnológica (melhoria de padrão de vida e tecnologia médica). Com freqüência a oscilação entre o pólo negativo (antevisão de problemas e desastre) e o pólo positivo (uma quase superação da morte e a possibilidade de extensão da “juventude”), produz um discurso esquizofrênico.

Nossas pesquisas se fundamentam nesse contexto. Uma delas foca os indivíduos acometidos por demências, os quais provocam profundas repercussões nas famílias e na sociedade, decorrentes da sobrecarga física, emocional e econômica que impõem. O estudo acompanha pacientes idosos com demência através de observação clínica, tratamento farmacológico e não farmacológico, incluindo reabilitação cognitiva. A pesquisa foca o envelhecimento cerebral, normal e patológico, por meio das mudanças cognitivas, comportamentais e funcionais. Outra pesquisa está focada no Atendimento

Terapêutico a Idosos como estratégia clínica da saúde mental, e esta se desenvolve fora dos lócus tradicionais de atendimento, como consultórios e instituições hospitalares. O acompanhamento psicoterapêutico ocorre na residência, rua, praça, etc. e é dirigido a pessoas em estado de sofrimento psíquico. São acolhidos conflitos familiares ou situações geradoras de angústia e tensão, como por exemplo, os decorrentes de depressão, demência, seqüelas de AVE, fobias e conflitos ante a institucionalização.

Outro estudo se propõe a investigar a aplicação da técnica de calatonia em idosos moradores de ILPI. A tônica deste projeto está na ação dos profissionais, junto a idosos, nas áreas de prevenção e promoção da saúde. A abordagem é em Psicogerontologia, focando limites e possibilidade do cidadão em processo de envelhecimento. Os atendimentos propiciam o aprofundamento das reflexões, em torno do tema. Este estudo confirma que enquanto método de relaxamento, a Calatonia promove maior consciência corporal e efeitos de soltura e/ou distensão muscular, ou seja, a “regulação” do tônus. Mas, aponta que a atuação deste procedimento vai além do nível apenas muscular, promovendo também "reorganizações psico-fisiológicas" em vários níveis, tais como biológico, psicológico e social. A dimensão da relevância deste método diz respeito aos cuidados que os participantes do estudo tem, constituindo a imagem corporal um elemento importante para maior valorização do Idoso portador de AVE e DA porque, mesmo com suas limitações, possibilita comunicar-se com seus familiares e cuidadores. Ao demonstrar suas emoções abre o contato e possibilita maior manifestação dos afetos e melhor acolhimento destes.

Enfim, o debate da saúde em foco está centrado na discussão teórica que toma o sujeito como ponto de referência para o estabelecimento da fronteira entre o normal e o patológico, quando o que está em questão é o processo de envelhecimento.

REFERENCIAS

ALMEIDA, Rosemary T. e FREIRE, Sérgio Miranda. “Metodologias de Avaliação: Aplicações e Ferramentas. Aula 8. Curso de Avaliação em Tecnologia da Saúde”. Laboratório médico de pesquisas avançadas. Programa de Engenharia Biomédica. Instituto Albert Luiz Coimbra. COPPE. Faculdade de Ciências Médicas-UFRJ. Acesso em 02/2008 (telas xerogr.).

BALANDIER, G. (1997). *A desordem. Elogio do movimento*. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil.

BOSI, E. (2003). *O tempo vivo da memória. Ensaios de Psicologia Social*. São Paulo: Ateliê Editorial.

BRANDÃO, V.M.A.T. (2008). *Labirintos da Memória: Quem sou?* São Paulo: Paulus.

- CANGUILHEM, G. (1995). O normal e o patológico. Rio de Janeiro, Forense Universitária.
- CÔRTE, B. *Democratização virtual*. (2005). *Revés do Avesso São Paulo*, v. 14, p. 12-15
- CÔRTE, B. *Velhice e violência na mídia impressa*. (2007) *Revista Rumores*, v.1, p.1-17.
- FREIRE, P. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. (1997) São Paulo: Paz e Terra.
- GIOVINAZZO, Renata A. e FISCHMANN, Adalberto A. "Delphi Eletrônico - Uma experiência de utilização da Metodologia de Pesquisa e seu potencial de abrangência regional". In: *XIV Congresso Latinoamericano de Estratégia*. Buenos Aires, 19/05/2001. Cf. web site: www.fia.com.br/profuturo.
- HELMAN, C. G. (2000). *Cultura, Saúde e Doença*. Porto Alegre, Artes Médicas
- LEMO, Maria Teresa G.de. *A língua que me falta*. Campinas: Mercado das Letras, 2002: 13.
- LIER-DE VITTO, Maria Francisca A.F. et al. "Vez e voz na linguagem: o sujeito sob efeito de sua fala sintomática". *Revista Kairós: Gerontologia*, São Paulo: NEPE/Educ, 2007: 19-34.
- LODOVICI, Flaminia M.M.e MERCADANTE, Elisabeth F. "Ser idoso: um possível de ser. Ditos sobre o idoso: um possível de se dizer". In: *Envejecimiento, Memoria Colectiva y Construcción de Futuro*. Memorias del: II Congreso Iberoamericano de Psicogerontología e I Congreso Uruguayo de Psicogerontología. Montevideo, PsicoLibros, 2007: 161-5.
- LYOTARD, Jean-François. *A condição pós-moderna*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2002.
- MONTEIRO, R.D. (2004) "Espiritualidade e Envelhecimento". In. Py, L. (et.al.). *Tempo de Envelhecer*. Rio de Janeiro: Nau.
- MORIN, Edgar. *Ética, Cultura e Educação*. , 2001.
- QUEIROZ, R. S. et ali (2000). *O Corpo do Brasileiro. Estudos de Estética e Beleza*. São Paulo, SENAC.

Data de recebimento: 05/11/2009. Data de aceite: 15/12/2009.

Beltrina Côrte - Graduada em Jornalismo. Doutorado e o pos.doc em Ciências da Comunicação, USP. Professora do Programa de Estudos Pós-Graduados em Gerontologia, PUC/SP. Pesquisadora do Grupo de Pesquisa Longevidade, Envelhecimento e Comunicação. beltrina@uol.com.br

Elisabeth F. Mercadante – Doutora em Ciências Sociais/Antropologia. Docente do Programa de Estudos Pós-Graduados em Gerontologia e de Ciências Sociais da PUC-SP. E-mail: elisabethmercadante@yahoo.com.br

Flamínia M.M. Lodovici - Doutora em Lingüística, pela Unicamp (2007). Atualmente é assistente-mestre da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Pesquisa e docência na área da Lingüística, atuando principalmente nos seguintes temas: o sujeito-idoso na língua; idiomatismos ou expressões idiomáticas; língua e linguagem; a linguagem da moda, a linguagem da mídia. E-mail: flalodo@terra.com.br.

Maria Helena V. B. Concone - Graduada em Ciências Sociais USP. Doutora em Antropologia PUC-SP. Professora do Departamento de Antropologia e dos Programas de Pós Graduação em Ciências Sociais e Gerontologia PUC-SP. trconcone@yahoo.com.br

Nadia Dumara Ruiz Silveira – Dra.Ciências Sociais – USP. Profª da Faculdade de Educação e do Programa de Estudos Pós-Graduados em Gerontologia, PUC/SP. Diretora Adjunta da Faculdade de Educação – PUC/SP. E-mail: ndrs@pucsp.br

Ruth G. C. Lopes - Graduada em Psicologia PUC-SP. Doutora em Saúde Pública USP. Docente e pesquisadora da Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde, supervisora de atendimento a idosos na Clínica Psicológica, coordenadora e professora do Programa de Estudos Pós-Graduados em Gerontologia PUC-SP. E-mail: ruthgclopes@uol.com.br

Suzana A. R. Medeiros – Doutora em Serviço Social. Professora Emérita da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Coordenadora do Grupo de Pesquisa certificado pelo CNPq Envelhecimento, Espaços de Moradia e Políticas Públicas - PUC/SP . E-mail: geronto@pucsp.br

Vera Maria A. Tordinio Brandão – Pedagoga. Doutora em Ciências Sociais - Antropologia PUC/SP. Pesquisadora do Núcleo de Estudo e Pesquisa do Envelhecimento (NEPE) do Programa de Estudos Pós-Graduados em Gerontologia PUC/SP. Idealizadora e docente da Oficina de Formação: Memória Autobiográfica veratordinio@hotmail.com